

A presença de Benedito Nunes no ciberespaço

Maria Stella Faciola Pessoa Guimarães*

Do mais básico ao mais elaborado, três princípios orientaram o crescimento inicial do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva.

Pierre Lévy

Sempre tive o ensimesmamento como traço. É o que pode explicar o longo período que passei sem me aproximar do professor Benedito Nunes. Eu o admirava de longe. Na correria da vida, querendo deter o tempo que intentava escapar entre os meus dedos, lia alguns textos escritos por ele, especialmente sobre Clarice Lispector, a escritora que então começava a me empolgar. Apurava os ouvidos quando Benedito era assunto nas cercanias. Percorria as matérias dos jornais. Retinha na memória os comentários elogiosos que meu pai Hermínio Pessoa fazia a respeito daquele quase vizinho da “Estrella” – eu morei na paralela travessa Mauriti. Calada e atenta, algumas vezes testemunhei diálogos entre Benedito e Hermínio, enquanto o papai, no linho branco amassado pelo ofício, segurava o “guidon” de um velho mas reluzente “Oldsmobile”, apinhado de filhos, caronas e amostras grátis de medicamentos. Depois conheci a professora Therezinha Gueiros e a educação pública nos tornou amigas. Conversamos muito e, pelas suas palavras reflexas e plenas de filosofia, eu soube mais da trajetória de Benedito na Universidade Federal do Pará: seu comportamento inquisitivo, o rigor estético, a permanente busca intelectual. Foi crescendo minha afeição pelo mestre. Mas eu continuava pequena no meu canto e ainda sem a ousadia de chegar perto dele. Vinha de um mundo prático e real com mais números e máquinas do que letras e flores. Até que o Centro de Cultura e Formação Cristã

* Engenheira, analista de sistemas de informação e escritora.

começou a oferecer aos sábados e domingos cursos livres de Filosofia e de Literatura com Benedito Nunes. Quebrou-se o gelo. A distância acabou. Não perdi mais nenhuma sessão depois da primeira palestra que assisti naquela agradável área em Ananindeua, pertinho de Belém. Eu era, finalmente, aluna de Benedito Nunes! Ganhei luz. Como sou internauta de todas as horas, logo comecei uma pesquisa: trilhar os meandros do ciberespaço para apreender o que ele registra sobre o pensamento e a obra de Benedito.

Louvo a expressão que Lucia Santaella usou para definir ciberespaço: “é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis”, como está em seu livro “Navegar no ciberespaço – O perfil cognitivo do leitor imersivo”. O ciberespaço pode ser facilmente entendido pela internet, de uso cotidiano e trivial, instalada em nossos dias depois de diferentes estágios de ascensão cultural e tecnológico, desde seu primeiro uso nos centros de pesquisas militares dos Estados Unidos. O “boom” da internet foi deliberado principalmente pela criação da “World Wide Web”, ou simplesmente “web”, ou ainda “www”. Trata-se de uma grande teia de alcance mundial baseada em sistema de hipertexto – permite que as pessoas, através de seus computadores, fiquem conectadas para buscar informações, fazer encadeamentos e associações, conforme seus interesses. Nem Penélope conseguiria imaginar, nem tecer ou muito menos desmanchar, essa trama contemporânea que os internautas percorrem em alta velocidade de comunicação – a banda larga está aí eliminando tempos e distâncias. Salta-se entusiasmadamente de ceca em meca, de “link” em “link”, com escolhas e “zapping” próprios. Amplia-se a esfera da presença do ser. As máquinas e suas informações digitais que compõem a rede enciclopédica beneficiam-se umas das outras nessa integração, especialmente com o advento dos mecanismos de buscas na internet. Tudo parece estar no leque da “web”. Tal dimensão, cada vez mais homérica, exige sofisticação para que se ache com rapidez o que se quer, daí o esmero no invento de buscadores de informação que evoluem mais refinados. As associações são facilitadas. Termos especiais, como capilaridade e rizomas, são usados em tom metafórico. “O Gosto” de Montesquieu fica melhor entendido quando internautas experimentam, no ciberespaço, “o prazer de abarcar todo o conteúdo de uma ideia geral” e o de “comparar, associar e separar ideias” porque esses são “prazeres inerentes à natureza da alma”. “O que suscita em nós uma grande ideia é quando alguém diz uma coisa que nos leva a pensar num grande número de outras coisas”. O ciberespaço, em seu apelo permanente à nossa imaginação – o que nos impele a criar –, pode servir como exemplo de que a evolução biológica do ser humano é inseparável da evolução tecnológica, quando sabemos que a mente é tipicamente reconstrutiva ou “autopoiética” – como diz Humberto Maturana em “Cognição, Ciência e Vida Cotidiana” e “A Árvore do Conhecimento – as bases biológicas da compreensão humana”.

Penso que ninguém vislumbrou tão bem o ciberespaço, a internet, a “web”, seus “sites” e bibliotecas digitais como Jorge Luis Borges em “Ficções”: “Saiba que os poetas como os cegos / Podem ver na escuridão”, canta Chico Buarque de Hollanda. “A Biblioteca de Babel”, que o escritor argentino confunde com o próprio

universo, é uma imagem fantástica destes tempos de cibercultura. Cada galeria hexagonal daquele devaneio privilegiado de quem podia enxergar no escuro é como uma espécie de colmeia, com enxame e acumulações, ou tal qual um símbolo geométrico do carbono, elemento de número atômico 6, cristalino, capaz de constituir cadeias e formar compostos. Isso não é a “web”? Os hexágonos de Borges eram intermináveis e interligados, com circulação de ar e luz incessante mas insuficiente, dispostos de tal forma que suas galerias estavam cobertas de livros. Hexágonos sobre hexágonos, de cada um veem-se os inferiores e os superiores, infinitamente. O que dizer dos espelhos borgeanos que duplicam as aparências? E das peregrinações em busca dos livros, dos catálogos e até do catálogo dos catálogos? “Talvez me enganem a velhice e o temor, mas suspeito que a espécie humana – a única – está por extinguir-se e que a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta”. A Biblioteca perdurará eternamente.

As bibliotecas digitais da “web” neste terceiro milênio tecem loas e loas a Benedito Nunes: teses e dissertações de mestrado e doutorado, “sites” nacionais e estrangeiros, “blogs”, textos assinados em jornais e revistas, trabalhos em congressos e vários encontros, notícias, entrevistas, referências feitas por outros intelectuais, homenagens, resenhas, sinopses das livrarias, premiações, fotografias, indicações abundantes nas listas geradas pelo “Google” etc. Labirinto infundável! Mesmo que, nos moldes de Borges, um catálogo dos catálogos referente à presença de Benedito Nunes no ciberespaço seja sempre inconcluso, sei que há trabalhos importantes em andamento – como o projeto de Lília Silvestre Chaves – que visam a digitalizar acervos e reunir, em um “site” catalisador e dinâmico, o que está espalhado nos meios digitais e disperso na rede mundial, para então facilitar a consulta dos estudiosos. Fernando Pessoa entendia muito bem dessa navegação: “Sou o Descobridor da Natureza / Sou o Argonauta das sensações verdadeiras. / Trago ao Universo um novo Universo / Porque trago ao Universo ele-próprio”.

Quanto às pesquisas que realizo na internet e cujos resultados estou colecionando, em computador pessoal, como recortes digitais sobre Benedito Nunes, já ocupam dimensão incompatível com os limites deste espaço físico de impressão. No entanto, quero aproveitar o preito da Universidade da Amazônia. Como tributo aos 80 anos do professor, apresento duas fontes que localizei na internet para ilustrar e exemplificar sua presença marcante no ciberespaço: jornal “Folha de S. Paulo” e revista “Colóquio / Letras”. Aqui escrevo com luva branca e deixo para Benedito Nunes o sinete da minha gratidão. Fica, sobretudo, um presente aos leitores, sejam extrovertidos ou ensimesmados, mas sempre eternos aprendizes e ávidos de desvendar conhecimentos. O ciberespaço pode ser, em cada “link”, um aliado importante na escolha reflexiva dos caminhos e palavras que enlacen passado, presente e futuro.

PESQUISA NO JORNAL “FOLHA DE S. PAULO”

O jornal “Folha de S. Paulo” mantém em versão digital, para consulta dos internautas assinantes, suas edições diárias desde 1994. Em pesquisa que realizei

nesse acervo no final de 2007, através do uso de mecanismos eletrônicos de buscas da própria “Folha” – hoje marchetada no portal da UOL / Universo On Line–, garimpei 14 arquivos digitais. São geralmente análises de obras. Esses textos assinados por Benedito Nunes estão todos relacionados a seguir com seus títulos, respectivas datas de publicação e, sobretudo, transcrições de pequenos trechos, que escolhi com o claro intuito de aguçar o interesse dos leitores para que intentem obter os artigos completos circulados no jornal paulista em preciosas edições já replicadas no mundo digital.

ELOGIO HUMANISTA DA VELHICE (12/03/1995) – Abordagem sobre o livro “Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos” de Ecléa Bosi, publicado pela Companhia das Letras, que analisa, conforme a chamada do jornal, o “papel do velho como fonte de tradições e detentor da memória coletiva”.

“Memória e Sociedade”, pela adesão afetiva de sua escrita à situação dos depoentes, alcança o vulto de uma apologia da velhice para nossa época. E é por aí que o livro recorta a tradição humanística.

As apologias da velhice, que procedem das fontes romano-antiga e renascentista da tradição humanística, são aplicações do regime da sabedoria estoica e epicurista à última etapa da vida humana. Confrontam, a exemplo do diálogo ciceroniano “De Senectute” e de certas páginas de Montaigne, as vantagens e desvantagens do período de decrepitude física. E fazem, repetindo Platão no início de “A República”, o elogio da idade avançada, pela aptidão para rememorar o passado com que a favorece o seu estado de inatividade. “O fruto da velhice, venho repetindo, é a lembrança...”, resume Catão no diálogo de Cícero.

[...]

Consequentemente, unindo “o começo ao fim”, o passado ao presente, a narração rememorative torna-se recuperação do tempo perdido: o velho se reconheceria como velho, recobrando sua identidade individual e social menosprezada. Mas, assim, o dom da memória amadurecida, que frutifica em narrativa, é o mesmo da revivescência proustiana, suspensiva da dissipação do tempo. E, por isso, rebela-se a lembrança dos velhos contra o presente, repondo as coisas “em seus lugares antigos”.

SÓCRATES BAILARINO E CONSTRUTOR (13/09/1996) – Densos comentários a respeito de “Eupalinos ou O Arquiteto”, do escritor francês Paul Valéry, livro publicado pela Editora 34.

A insistente desconfiança de Valéry em relação à filosofia parece ter afinado nele a mentalidade do filósofo, apta a passar de uma questão a todas as outras. Ao tratar da arte, ou particularmente da literatura e da poesia, o filósofo já se defrontava com os problemas mais gerais do pensamento – o ato de conhecer, a linguagem, o Eu, a relação entre alma e corpo, o sono e o sonho, a simulação, a sinceridade, as regras morais–, que também faziam parte da experiência do poeta, subjugado à cadência das ideias, ao ritmo do sentido, flama ou clareza, como a “cintilação serena” do céu, ilusório disfarce do devir ao qual vamente se opõe o cruel Zenão de Eléia, de “Le Cimetière Marin”. Uma longa hesitação entre som e sentido – foi o que, resguardado embora por outra metáfora da

claridade, o “lumen naturale” do intelecto, podia dizer da poesia, sempre que passava o seu encanto, o irmão filosófico siamês do poeta.

[...]

De análoga maneira, no conhecimento, a experiência, por nós inengendrada, fornece ao ato de pensamento os materiais sobre que edifica os conceitos teóricos. Ambas espécies de construção, a cognoscitiva e a artística, pressupõem a linguagem. Os conceitos se traduzem em outros conceitos. E as formas, intraduzíveis, acenam e gesticulam. Na dança, as mãos falam e os pés escrevem. Na arquitetura, há edifícios que cantam e outros que simplesmente falam. Sócrates poderia tê-los construído, se tivesse suspeitado que a linguagem já secretamente edificara, pela força de suas metáforas, a ideia do belo universal e abstrato.

A VOZ INAUDÍVEL DE DEUS (30/03/1997) – Benedito analisa o livro “Ascese – Os Salvadores de Deus” do escritor grego Nikos Kazantzákis – interpreta as relações do humano com o divino—, cujo prefácio é de José Paulo Paes, editado pela Ática.

“Somente isto constitui a dignidade humana: viver e morrer corajosamente, sem aceitar nenhuma recompensa”, confessa Kazantzákis no penúltimo capítulo de sua autobiografia. Assim o êxtase desse místico ativo, sem igreja, se dá, na paragem da ação, contemplando o abismo de encontro ao qual a dignidade humana se equilibra, agônica, numa trágica dança de resistência à sedução do além-mundo – também dança sacrificial de aceitação da vida—, que o “Assim Falava Zaratustra”, por ele traduzido, lhe ensinou a heroicamente dançar.

[...]

“O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem – uma corda por sobre um abismo”, assim começa a primeira pregação do Zaratustra de Nietzsche. Mas o abismo do poeta grego já é, em consonância com a primeira teologia negativa – que foi helenística—, um dos nomes de Deus. E o super-homem, nem extra-humano, nem acima do humano, seria, na visão transindividual de Kazantzákis, herdada de Nietzsche, em vez do homem em sua generalidade, objeto do humanismo tradicional, a sofrida paixão que o devora, exaltada por um Saint-Exupéry depois de Gide.

ANTONIO CANDIDO – UM PACTO DE GENEROSIDADE COM O LEITOR (19/07/1998) – Benedito participa do caderno dominical “Mais!” em que o jornal homenageia o professor Candido, escrevendo nessa edição ao lado de expoentes intelectuais como Alain Touraine, Celso Lafer, Haroldo de Campos, José Miguel Wisnik, Leyla Perrone-Moisés, Luiz Costa Lima, Lygia Fagundes Telles, Silviano Santiago e Walnice Nogueira Galvão, entre outros.

[...] no professor, a coragem se combina com a paciência; a liga das duas conforma-lhe a ciência, pacientemente vivida e coerentemente exercida, de que tenho sido um dos muitos beneficiários desde a juventude. Passei a respeitá-lo, diante da justeza de suas intervenções, no 2º Congresso de Crítica e História Literária, de Assis, em 1961. Foi quando o conheci pessoalmente e aprendi a admirá-lo. Mas só muito depois, na década de 70, lecionando no IEL (da Universidade Estadual de Campinas), pela primeira vez a seu convite, descobri o quanto o humor tempera aquela liga moral e intelectual da coragem na gentil

paciência, da ciência na coerência, política inclusive.

[...]

Não posso esquecer como, principalmente em dois momentos delicados, o professor me assistiu com paciência e ciência bem-humoradas. Tolerou minhas delongas na entrega dos dois livros, “Introdução à Filosofia da Arte” e “Filosofia Contemporânea”, que me solicitara a escrever para a coleção “Buriti”, pouco antes do golpe de 64. Em 67, decidira, sob a pressão dos duros tempos, instalar-me no estrangeiro. No seu gabinete da antiga faculdade da rua Maria Antônia, onde estive, grafou num meu caderno, envelhecido hoje, indicação de fontes para os estudos da antropofagia modernista que eu iniciaria na França. Reúno essas lembranças, de cor, como tributo aos 80 anos de Antonio Candido.

NÓS SOMOS UM DIÁLOGO (13/08/1998) – Ensaio sobre a obra “Verdade e Método”, editada pela Vozes, escrita pelo filósofo alemão Hans-Georg Gadamer, que foi aluno de Heidegger.

Compreendemos o outro quando com ele falamos; uma ferramenta quando a utilizamos; os acontecimentos cotidianos quando nos atingem; o ambiente ou o mundo em que vivemos. Compreender é uma atitude mais primária do que o exercício do conhecimento científico, a teoria no sentido estrito. Por ser primária, é curial, e por ser curial, inapercebida. Podemos compreender sem conhecer cientificamente, mas não podemos conhecer cientificamente sem antes termos compreendido a coisa de que se trata. Daí dizer-se que a compreensão é adesiva, envolvendo, como diz Gadamer, uma relação de pertença ao que nos rodeia.

[...]

A linguagem que o filósofo considera é a que, como suporte da experiência humana, extravasa a ciência da linguagem, resvalando do método para a verdade da pertença ao mundo, ao tempo e à história. A experiência humana não é linguística e sim linguajeira (“sprachlich”): o falar dos textos, das obras de arte, o entender-se e o desentender-se uns com os outros, a imensa, penetrante conversação humana e a sua tradutibilidade de universo linguístico para universo linguístico. Parece que estamos a ouvir a ressonância do ensinamento de Heidegger extraído de Hölderlin: nós somos um diálogo.

O MUNDO DE CABEÇA PARA BAIXO (14/11/1998) – Análise do historiador espanhol José Antonio Maravall, através do seu livro “A Cultura do Barroco”, editado pela associação Edusp / Imprensa Oficial.

Depois da morfologia de Wölflin, já se poderia afirmar a existência de um estilo barroco, oposto ao clássico, ambos correspondendo a distintos modos de visualidade plástica. Com Werner Weisbach, o barroco se estendeu como estilo artístico ao movimento de Contra-Reforma, preponderantemente jesuítico, que lhe foi correlato do ponto de vista cultural. Extrapolada, então, do espaço das igrejas ao espaço circundante, dos templos à corte, da paisagem ao vestuário, dos palácios aos jardins e parques, das festas aos préstitos triunfais, mediante o viés da cultura, a mesma arte do Setecentos passou a ser concebida como estilo de vida, a serviço de Deus ou da Igreja, em benefício do fortalecimento do dogma, da autoridade eclesiástica e do poder real.

[...]

Todos os caprichos são admitidos, todas as novidades toleradas, contanto que não passem do palco à sociedade. Os bufões têm a palavra livre, a toda hora, diante dos reis. E o mundo mesmo é uma bufoneria que, “de cabeça para baixo”, se assemelha a um teatro, se não a um labirinto, de difícil saída, onde, com as guerras de religião e depois delas, imperam a crueldade e a violência. Só poderia ser pessimista, com a tônica da melancolia, sintoma de desencanto e atestação da fugacidade de tudo, dos azares da fortuna, irmã gêmea do jogo, o ânimo desse mundo revirado, que passara a conhecer as leis galileanas do movimento, penhor tanto de eterna mudança quanto da caducidade e do declínio.

A INVENÇÃO MACHADIANA (10/07/1999) – Abordagem a respeito de um dos livros de Alfredo Bosi sobre a obra de Machado de Assis: “O Enigma do Olhar”, editado pela Ática.

O olhar do ficcionista sente pensando e pensa sentindo. Nesses sentir e pensar, mutuamente entrelaçados, ele se distancia dos objetos de que a visão o aproxima. A proximidade do olhar garante o conhecimento de um dado contorno humano: a sociedade, as ações individuais e os motivos a que obedecem. Mas só recolhido no âmbito da imaginação, que o distancia desse contorno em que se acha incluído, ganha o olhar do ficcionista a percuciente lucidez de um foco reflexivo aceso sobre uma “persona” – a pessoa feita personagem ou a personagem tradutível em pessoa.

[...]

Certamente, Pascal como Leopardi, Schopenhauer como Stendhal contribuem para a gênese desse olhar, mas aliados a La Rochefoucauld, La Bruyère, Manuel Bernardes, Matias Aires, Vauvenargues, Helvetius e Adam Smith. O exemplário desses modos de pensamento, em apêndice no final do livro, nos oferece, numa escala nuançada, os tons, entretons e timbres de um pensamento cético ajustado às artimanhas do humor, que teriam convergido no foco do olhar machadiano – não espelho de luz difusa, mas lente analítica do real.

TRÁGICA DIALÉTICA DA LEMBRANÇA (25/07/1999) – Benedito escreve sobre os poemas de Salvatore Quasimodo – um dos três grandes líricos italianos do século XX, ao lado de Eugenio Montale e Giuseppe Ungaretti – editados pela Record.

A voz histórica ativa de Platão, fundadora de uma das fortes tradições do pensamento ocidental, nos diz que conhecer é lembrar; toda coisa só se torna conhecida por meio do acesso remissivo, a que nos eleva o amor premido pelo desejo, a uma ideia universal, organizadora da experiência e a ela sobreposta, permitindo-nos identificar o que não é idêntico no diverso e mutável curso da realidade empírica perceptiva. Mas só os poetas, a que Platão vedou entrada em sua “República”, mostrariam o lado inverso letal do conhecimento: ao reviver, a lembrança celebra a morte do objeto do amor; a reminiscência escava o túmulo daquilo que se ama. Quando surge, a ideia universal se erige em lápide funérea do real empírico, conforme outra voz, a de Quasimodo, nos diz em contraposição ao platonismo: “Não tenho mais lembranças, nem as desejo; / toda memória se remonta à morte, / a vida não se acaba. Cada dia / é nosso...”.

TRÊS QUESTÕES SOBRE NIETZSCHE (06/08/2000) – Ao lado de Roberto Romano, Benedito Nunes dá respostas a três perguntas formuladas pelo caderno “Mais!” a respeito de Nietzsche: Qual a importância de sua obra para a filosofia ocidental? Qual seu principal legado para o século 20? Vive-se hoje em uma época nietzschiana?

São tantos os legados que é impossível apontar um principal. Pela primeira vez a filosofia recebeu um legado não-filosófico – ou antifilosófico. Pela primeira vez a filosofia se fez por via “destrutiva”. E pela primeira vez a filosofia passou a ser aturdida pela linguagem filosófico-poética. E por que não dizer que o pensamento nietzschiano foi o primeiro a consagrar a união nupcial da filosofia com a poesia?

O HUMANISMO ATEU DE NIELS LYHNE (10/02/2001) – O personagem do escritor dinamarquês Jens Peter Jacobsen no romance editado pela Cosac & Naify é comentado por Benedito que evidencia semelhanças com algumas figuras da literatura de Dostoiévski.

Por certos aspectos biográficos de seu personagem, “Niels Lyhne”, de Jens Peter Jacobsen, livro de cabeceira de Rainer Maria Rilke, tem quase tudo de um “Bildungsroman” (romance de formação): a relação decisiva com amigos, os entrosques amorosos, os ganhos ou perdas de conhecimento e afeição, traçam aí o perfil de uma vida em busca de si mesma. Segundo escreve Otto Maria Carpeaux, no ensaio que dedicou ao autor dinamarquês, esse perfil é nuançado, como atestam as grandes cenas de amor, de despedida e de morte que recortam a narrativa.

[...]

Nos romances de formação que nos oferecem a saga do nascimento do artista ou do poeta, como no “Retrato do Artista Quando Jovem”, de Joyce, no “Doutor Fausto”, de Thomas Mann, no “Wilhelm Meister”, de Goethe, e mesmo nesse defectivo “Niels Lyhne”, nuançado dentro do gênero, a meta poética prepondera. Nas quatro obras, o conhecimento orienta a conduta ética, ambos condicionados à criação artística e operando uma mudança na atitude religiosa dos personagens, da qual resulta uma crítica ou uma rejeição do cristianismo.

Wilhelm Meister tenderia para o universalismo religioso, Stephan abandonaria a fé católica, o doutor Fausto tornar-se-ia um místico panteísta. Niels Lyhne, poeta como aqueles três, adotou porém uma aguda forma de ateísmo, que o aproxima de outra família romanesca, aquela a que pertencem certas personagens de Dostoiévski, como Stravoguin e Kirilov, em “Os Demônios”, e Ivan e Dimitri, em “Os Irmãos Karamazov”.

LINHAS DA INQUIETAÇÃO (01/09/2002) – Análise de “Cartas a Suvórin” (Anton Tchekhov / Edusp) e “Cartas – Volume 2” (Carl Gustav Jung / Editora Vozes), obras publicadas simultaneamente e, conforme o chamado desse artigo, que “estabelecem um contraste fértil entre o ceticismo elegante do escritor russo e as preocupações teológicas do psicólogo suíço”.

Quanto mais, atualmente, vai se tornando corriqueiro, em detrimento da carta, do velho gênero epistolar, mediado pelo serviço de correios e telégrafos, o uso

da ultra-rápida correspondência eletrônica do fax e do computador, mais vem aumentando o interesse tanto documental quanto literário pela missiva escrita, como estilo de comunicação agora em franco envelhecimento. São recentes exemplos entre nós desse interesse duas coletâneas de cartas – as de Carl Gustav Jung (1875-1961) a vários consulentes e as de Anton Tchekhov (1860-1904) a seu editor Aleksei Suvórin–, equivalentes em densidade informativa, mas diferindo na matéria e no estilo.

O ESQUECIMENTO DA FALA (08/02/2003) – Grande autoridade em Martin Heidegger, Benedito Nunes escreve sobre o “Dicionário Heidegger”, de Michael Inwood, publicado por Jorge Zahar Editor.

Para um filósofo como Heidegger, que faz da palavra a emergência sonora do sentido, ao mesmo tempo “poiesis” e “logos”, fala recuperada na linguagem, voz falada na escrita, pensamento enquanto caminho que avança dos objetos à coisa, do ente ao ser, retraindo-se à objetificação dos signos – para um filósofo, enfim, que pensa poeticamente e para quem, portanto, se torna mínima a diferença entre pensar e poetar, a língua se reveste de importância fundamental. Um pensamento desse tipo, gerador de um vocabulário próprio, só pode admitir, em tácito acordo com o nosso poeta Drummond, que, mesmo sem nascerem amarradas, as palavras subsistem em estado de dicionário. A filosofia heideggeriana vive nesse estado.

[...]

A recapitulação do uso de “Dasein”, desde o seu significado pé no chão no alemão corrente até o seu enriquecimento nocional quando decomposta na forma “Da-sein” (aquele que busca o ser, atende a seu apelo, a ele se abrindo), é a mais completa possível. Mas o verbete assinalado é um dos poucos, senão o único, que ficou sem nenhuma tradução, fugindo, portanto, da regra de duplas entradas estabelecida pela coordenadora. Mas a vantagem dessa transgressão foi nossa: ao assim proceder, a coordenadora restabeleceu a dança heideggeriana das palavras e a luta agonística do filósofo com e contra elas, em vez de fixá-la numa só palavra: a “pre-sença” de sua versão completa, já citada, de “Ser e Tempo”.

A VIA-CRÚCIS DA ESTRELA (16/10/2005) – Ensaísta de destaque entre os críticos de Clarice Lispector, Benedito aqui desenvolve sua análise sobre dois novos livros a respeito da vasta obra da escritora brasileira nascida na Ucrânia: “Outros Escritos” (organização de Teresa Montero e Licia Manzo, com publicação pela Rocco) e “Clarice Lispector com a Ponta dos Dedos” (Vilma Arêas / Companhia das Letras).

É de sua “Via-Crucis” que Clarice salta para “A Paixão Segundo G.H.”, e desta, depois do aflitivo purgatório intelectualista de “Uma Aprendizagem”, para “A Hora da Estrela”, final de uma trajetória pela pedregosa via de “Água Viva” – o caminho da escrita como “um emaranhado de cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras”.

Mas esse final de trajetória traz uma reviravolta. A narrativa estelar une os fios extremos da vida de uma mulher, desvalida nordestina e pobre no Rio de Janeiro, Macabéa, à sua morte anônima na rua. Formam os fios dessa personagem um “auto-retrato” da escritora, revelador de seu trabalho de criação, tecidos no

rústico tear da pobreza brasileira, de modo que “A Hora da Estrela” é também “uma verdadeira radiografia centrada na pobreza urbana”.

Aí Clarice, como diz o narrador de “A Hora da Estrela”, estaria “mudando de modo de escrever”. Violenta a linguagem para poder falar dessa “raça anã teimosa”, semelhantemente à atitude de Graciliano Ramos em “Vidas Secas” para dar voz a Fabiano.

ODISSEIA (21/05/2006) – Através da sessão dominical “Biblioteca Básica”, parte do caderno “Mais!”, Benedito Nunes declara a importância de Homero na sua formação intelectual.

A “Odisseia” de Homero foi importante em minha formação tanto literária quanto filosoficamente. Literariamente porque coloca em foco o tema da viagem, do retorno, que se expandiu e vem de Homero até Joyce. Filosoficamente porque o ensino da filosofia, em primeiro lugar da filosofia grega, é inseparável do conhecimento de Homero. É uma fonte mitológica e um modo de pensar o mundo. O mito da viagem é encontrado em Joyce, em “Ulisses”, e também em Guimarães Rosa – seus personagens estão sempre se movimentando, sempre em viagem. Esse núcleo da “Odisseia” é muito importante até hoje.

Além desses 14 relacionados, há outro texto assinado por Benedito Nunes na “Folha” que é facilmente obtido na internet, apesar de ter sido escrito antes do período que engloba arquivos já digitalizados pelo próprio jornal. Trata-se da avaliação crítica do romance “Estorvo” escrito por Chico Buarque de Hollanda. Pode ser encontrada no site oficial do artista com a data de 03/08/1991.

[...] o passado do narrador se anula, seu futuro é a expectativa do pior, e a procura de si mesmo, um movimento inconsequente, marcha voluntária para o suicídio-assassinato. Outra particularidade formal desse relato, em correspondência com o andamento ágil, lesto, frenético, é a causalidade do imaginário, anulando a causalidade natural. Em vários momentos, o narrador não sabe (e o leitor com ele) se conta o que lhe aconteceu ou aquilo que imagina ter-lhe acontecido. Sonhamos a nossa realidade ou realizamos os nossos sonhos? De qualquer forma, a realidade, muito nossa – de uma época, de uma geração, de um país – que Estorvo configura, é a realidade de um sonho mau, de um demorado pesadelo.

Há outros resultados da minha pesquisa na “Folha de S. Paulo” que são textos com referências feitas a Benedito Nunes, tanto na abordagem especializada de sua obra por outros estudiosos identificados no jornal, como no formato de notícias acerca do professor paraense e de sua trajetória intelectual visível no Brasil e no exterior. Assim, localizei no site paulista mais 49 registros digitais, datados entre 30/01/1994 e 05/05/2007, todos agora também residentes, na íntegra, em computador pessoal onde prossigo essas investigações encantatórias sobre a presença de Benedito Nunes no ciberespaço.

Quanto à análise direta de sua obra por renomados professores e escritores, chamo a atenção para dois ensaios.

PENSAMENTO MUNDIFICADO (27/09/1998) – Fábio Lucas comenta os ensaios de Benedito reunidos no livro “Crivo de Papel” publicado pela Ática.

“Crivo de Papel” reproduz o que há de mais denso e constante na obra de Benedito Nunes. O ponto de partida, seminal, é a filosofia. A outra face do vasto campo de interesse do crítico constitui a literatura. A preocupação mais envolvente de Benedito Nunes é, na filosofia, a obra de Heidegger, da qual tem sido, no Brasil, um dos mais autorizados analistas. No campo literário, ocupa-se primordialmente de Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade, sem descuidar Fernando Pessoa, que lhe oferece sínteses adequadas e epígrafes às indagações filosóficas. E agrega, ainda, ao “Crivo de Papel”, penetrante e oportuno balanço da historiografia literária brasileira. Outros estudos se organizam no interior da obra, como a visão de Sócrates, sob a vigilância de Valéry, a investigação da música entre as artes e a exploração de temas como a história, a ética, o tempo e a poesia.

[...]

Que dizer da especulação filosófica de Benedito Nunes? Além de apontar a crise da filosofia, como o faz especificamente em “A Filosofia e o Milênio”, tem-se a sensação de transitar num labirinto. Louvem-se a beleza da exposição e a contribuição à estética, em especial nas questões sobre a natureza da arte, quando aborda o pensamento de Kant e Heidegger. No mais, são trabalhos mais expositivos do que conclusivos, na linha de Heidegger, para quem “o mundo não é, mas se mundifica”.

O TRABALHO DA HERMENÊUTICA (11/03/2000) – Franklin Leopoldo e Silva analisa o livro de Benedito denominado “Hermenêutica e Poesia – O Pensamento Poético”, na ocasião veiculado pela editora da Universidade Federal de Minas Gerais.

Compreender Heidegger talvez tenha de ser, sempre, retomar a tarefa de contornar o caráter inesgotável de uma meditação que, recusando as enunciações propositivas, assume o trabalho de interpretar as impossibilidades que o pensamento metafísico construiu para si próprio e que de alguma maneira permitiram que as realizações culturais da história do Ocidente ocorressem como atividades periféricas esquecidas do seu centro. Acompanhar Heidegger, inserir-se em seu modo de pensar, é assumir a negatividade implícita na memória metafísica e tentar vislumbrar as paisagens que ela recalcou nos extremos de um passado que é origem fundante e esquecida.

O livro de Benedito Nunes assume com coragem e serenidade essa tarefa de pensar a distância na ambiguidade de suas implicações, para compreender o significado mais íntimo dos laços que separam e aproximam poesia e filosofia. Atingimos primeiramente esse processo constitutivo de revelação e ocultamento, quando nos damos conta da indigência contida nas ideias de “filosofia da arte” ou “da literatura”, na medida em que conotam a possibilidade de absorção da arte pela reflexão filosófica.

Quanto à menção feita a Benedito nas análises de obras desenvolvidas por outros autores na “Folha”, também posso destacar os trechos de algumas matérias exibidas nas edições dos jornais impressos que, com o avanço das tecnologias da informação neste terceiro milênio, estão agora propagadas em formato digital pela internet.

OS DEMÔNIOS CULTURAIS DE LLOSA (27/11/1994) – Milton Hatoum assina texto sobre Mario Vargas Llosa.

Na sua obra ficcional Vargas Llosa usou e desenvolveu a montagem de diálogos presente no “Madame Bovary”, na famosa cena do comício agrícola de Yonville; uma ousadia que “consiste em intercalar partes de um diálogo a partes de outro entre os mesmos personagens, em situações temporal e espacialmente distintas”, como apontou Benedito Nunes ao analisar a ilusão da simultaneidade nos romances “Madame Bovary” e “A Casa Verde” (“O Tempo na Narrativa”, editora Ática).

O PURGATÓRIO DE SOFIA (09/08/1996) – Luiz Paulo Labriola escreve a respeito de Jostein Gaarder.

[...] a narrativa padece de outros problemas de verossimilhança. Conforme lembra Benedito Nunes, em sua “Introdução à Filosofia da Arte” (Ática, pág. 40), um texto literário não pode, a rigor, ser tomado como “completamente real (...) nem como uma cabal ilusão”.

MANEIRAS DE LER POESIA (14/02/1997) – Leyla Perrone-Moisés elabora fascinante resenha sobre “Leitura de poesia”, livro da Ática que tem a participação de Benedito, na companhia de Alcides Villaça, Alfredo Bosi, Fábio de Souza Andrade, João Luiz Tafetá, Jorge Koshiyama, José Miguel Wisnik e Murilo Marcondes de Moura.

Benedito Nunes, leitor de Mário Faustino, está, a meu ver, na categoria “hors-concours”. Um fino crítico como é Benedito Nunes, lendo um poema belíssimo como “Juventude” de Mário Faustino é algo que coloca a poesia e a crítica brasileiras no seu mais alto patamar. O crítico se desincumbe da difícil tarefa de mostrar a particularidade de um poema cujo tema não poderia ser mais geral: amor e morte, tempo e eternidade. Ao mesmo tempo que usa, discretamente, seu vasto arsenal filosófico, procede a uma leitura musical do poema, ressaltando sua “avassaladora sonoridade”, seu “efeito encantatório” por iteração, paronomásia e ritmo ondulatório. O poema de Mário Faustino se revela, assim, como próximo da essência da poesia lírica: “ação celebratória” ou, no conceito de Valéry, desenvolvimento de uma exclamação face à maravilha de haver mundo e vida.

AS DONZELAS VÃO À GUERRA (02/08/1998) – Em entrevista concedida a Marcos Roberto Flamínio Peres, a professora Walnice Nogueira Galvão faz alusão a Benedito.

[...] eu me lembrei de que fui membro da comissão julgadora da Prêmio Nestlé de Literatura. De fato havia muitas obras regionalistas, o que achei curiosíssimo, além de muitas cópias de Borges e Cortázar, mas não acho que haja influência do “realismo mágico”, como o de García Márquez.

Um fato curioso foi constatado pelo professor Benedito Nunes, que também fazia parte da comissão: talvez porque os textos fossem escritos diretamente no computador, as obras literárias se impregnaram da linguagem da informática. Termos como “acessar”, “deletar” eram muito comuns nos romances que concorriam.

A INTROSPECÇÃO DE EVALDO COUTINHO (22/07/2001) – Matéria acerca dos 90 anos desse filósofo e crítico de arte desenvolvida por Marcos Enrique Lopes.

Essas ideias estão dispostas nos cinco volumes de “A Ordem Fisionômica”, a base de sua ontologia. O professor e escritor paraense Benedito Nunes encontra nela o que chama de tanatologia, ressaltando que, em sua essência, “alcançou um ritmo sintático, um fraseado aliciente, que seduz o leitor por sua clareza e riqueza vocabular, de cunho metafórico”. Lembra, ainda, a leitura “esplêndida” que nos traz de “O Sofista”, de Platão, ou o paralelo que Wittgenstein lança sobre o solipsismo como tese. “Ele é correto, só que mostra o que não pode ser visto, o que não pode ser dito”. Quer dizer, faz diferença entre o dizer e o mostrar, porque “as coisas que não podemos dizer é melhor calar, pois quando a linguagem filosófica ou poética se cala, ela está mostrando algo que não pode dizer inteiramente”. E é isso que a arte e a literatura fazem. Para Nunes, não se trata de um simples esteta, um mero professor de filosofia, “mas de um verdadeiro filósofo”.

UMA MEDIDA CONCRETA (14/09/2003) – O caderno especial “Mais!” apresenta entrevista de Haroldo de Campos feita por José Marcio Rego, na qual o autor de “Metalinguagem e Outras Metas” faz um balanço da crítica literária brasileira.

O Benedito Nunes e o Gerd Bornheim [morto em 2002] são dois casos que têm certos pontos de contato, de filósofos que fazem crítica e a fazem muito bem. Com muitas armas de conhecimento e sensibilidade. O Gerd tem sido, sobretudo, um crítico de teatro, além dos livros importantes que tem publicado no campo filosófico, desde a tese de livre-docência. Ele tem escrito muito sobre teatro, é especialista em Brecht, talvez o nosso mais notável especialista em Brecht. E o Benedito Nunes, que também, em certo aspecto, é um heideggeriano. Benedito já se dedicou mais a outros aspectos literários. À Clarice Lispector, por exemplo, da qual, parece, é um dos mais argutos estudiosos. Ao João Cabral, ao Guimarães Rosa... Enfim, é uma pessoa que tem se dedicado, ao lado de sua formação de filósofo, ao estudo literário, o que é raro no ambiente brasileiro.

O SINISTRO E SEUS DUPLOS (02/07/2005) – Manuel da Costa Pinto analisa a coletânea de contos de Haroldo Maranhão – “Feias, Quase Cabeludas” – selecionada por Benedito e publicada pela Planeta.

Nos 40 e 50, o escritor Haroldo Maranhão formou, com o filósofo Benedito Nunes e com o poeta Mário Faustino, uma tríade de intelectuais cujas trajetórias são marcantes na vida cultural brasileira. Tendo como epicentro Belém do Pará e, mais especificamente, o suplemento literário criado por Maranhão na “Folha do Norte”, em 1946, a história desse grupo serve, por si só, para derrubar polaridades que opõem centro e periferia, ou caricaturas em que os Estados distantes dos grandes polos urbanos estão vocacionados para uma concepção provinciana de mundo e, no caso da literatura, para o regionalismo.

Sobre as notícias constantes do acervo digital da “Folha” disponibilizado na internet – no caderno “Ilustrada” ou no caderno “Mais!” –, cabe aqui ainda pinçar parte do que está lá registrado como passos da trajetória de Benedito: prefácio e comentários para livros de Mário Faustino; participação em encontro realizado por Aduino Novaes; análise de livros de João Cabral de Melo Neto; presença em fortuna crítica de Guimarães Rosa; apresentação em colóquio sobre Heidegger; referência em entrevista de Nádia Battella Gotlib sobre Clarice Lispector; participação em encontro de críticos e poetas; membro do júri do Prêmio Nestlé de Literatura; presença em evento sobre Blaise Cendrars para discutir a “utopialândia”; destaque no 2º Colóquio Latino-Americano de Estética; presença no documentário de Pedro Bial sobre Guimarães Rosa; recebimento do Prêmio Guimarães Rosa de Literatura; inclusão no livro de conversas com filósofos brasileiros da Editora 34, ao lado de nomes como, por exemplo, Bento Prado Jr, Gerd Bornheim, José Arthur Giannotti, Leandro Konder, Marilena Chauí e Miguel Reale; convidado pelo caderno “Mais!” para compor o grupo que escolheu a personagem de preferência dos admiradores da literatura brasileira; crítico citado em entrevista do poeta Age de Carvalho; matéria sobre a morte de Haroldo Maranhão; citação por João Cezar Castro Rocha como estudioso da obra de Oswald de Andrade; referência em comentários sobre obra de Erico Veríssimo; nome incluído entre os comentaristas da edição de “Cadernos de Literatura Brasileira” sobre Clarice Lispector; referência em análise de Adriano Schwartz relativa a “Mário Faustino – Uma Biografia” escrito pela paraense Lília Silvestre Chaves; participação na 3ª edição da FLIP em Paraty; presença em São Paulo para encontro a respeito de Sartre; elaboração de texto sobre Clarice Lispector para o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo.

PESQUISA NA REVISTA “COLÓQUIO / LETRAS”

De acordo com informações disponíveis em seu site oficial na internet, a Fundação Calouste Gulbenkian, com sede em Lisboa, é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Desde 1971, a Fundação edita a revista “Colóquio / Letras”.

Nota de Abertura (1971): “Colóquio / Letras” vem preencher uma lacuna que se tornava sensível: será, em Portugal, a única revista especificamente literária – com textos de poesia e de ficção, mas, na maior parte, destinada ao estudo de modo não puramente erudito, não polêmico, não meramente divulgativo, antes serenamente reflexivo, problemático, ensaístico.

[...]

De caráter vincadamente ensaístico e admitindo uma grande pluralidade de pontos de vista, incluindo quer artigos de investigação quer leituras críticas da atualidade editorial, a “Colóquio / Letras” publica inéditos de poesia e ficção de autores contemporâneos, consagrados e jovens, traduções de poesia e partes de espólios literários de autores do passado, procurando levar a uma revalorização de escritores esquecidos e pouco estudados. Dedicar-se quase em exclusivo às literaturas de língua portuguesa, o que abrange não só a nossa mas também a brasileira, as africanas de expressão portuguesa e a galega (tendo esta sido matéria de dois números publicados em 1996). Conta com um vastíssimo número de colaboradores, tanto portugueses como estrangeiros estudiosos das referidas áreas.

Em pesquisa que efetuei na “web” em 2008, pude coligir 37 artigos assinados por Benedito Nunes na “Colóquio / Letras”, que os denominou de “recensão crítica” – uma espécie de resenha ou de apreciação de um livro. Forneço a seguir a relação dessas resenhas, por ordem cronológica (mês e ano de publicação), e faço para algumas, a título de exemplos, a transcrição de trechos dos ensaios do professor paraense editados na importante revista de Portugal.

“CÓDIGO DE MINAS & POESIA ANTERIOR”, DE AFFONSO ÁVILA (09/1971).

De resto, à estrutura desses poemas pertencem, conjuntamente, os respectivos títulos e as citações históricas, geográficas, literárias e jornalísticas que os acompanham em epígrafe, como elementos de contrastação irônica. Até mesmo devido ao aspecto compedioso e tratadístico que emprestam à obra, o efeito de tais citações, que o trocadilho e o “non-sense” de certas passagens dos textos poéticos reforçam, é um por vezes compenetrado e grave humor, a definir o parentesco do poeta, já ligado a João Cabral de Melo Neto pelo controle racional da composição, com Carlos Drummond de Andrade, a quem dedica “Código de Minas”. Estendendo a si próprio esse humor, Affonso Ávila, que mineiro é, descodifica-se ao decifrar o “Código de Minas”: “eu em texto de minas / eu em templo de minas / eu em tempo de minas”.

“OS CONDENADOS”, DE OSWALD DE ANDRADE (12/1971).

Para os círculos literários ligados ao Modernismo, ainda na fase de procura estética, o romance de Oswald de Andrade constitui surpreendente revelação de originalidade criadora. Subdividido em planos descontínuos que enquadram a ação, misto de análise psicológica e drama passional, na moldura de episódios isolados, ao sabor de um ritmo entrecortado, que varia conforme a dimensão desses episódios – alguns até lembrando improvisadas anotações de diário –, “Os Condenados” impressionaram há 42 anos atrás justamente devido a esse processo de construção sincopada da narrativa, que Oswald de Andrade utilizaria, de maneira plena, em “Memórias Sentimentais de João Miramar” (1924) e “Serafim Ponte Grande” (1933), duas pedras de toque da atualidade literária brasileira, desvinculadas da Trilogia, e que formam, no dizer de Antonio Candido, um “par-ímpar”.

“BLAISE CENDRARS NO BRASIL E OS MODERNISTAS”, DE ARACY AMARAL (03/1972).

Verdadeiramente pioneira, a monografia de Aracy Amaral “Blaise Cendrars no Brasil e os Modernistas” permite-nos avaliar o papel mediador exercido pelo poeta de “La Prose du Transsibérien” – que veio a São Paulo em 1924 a convite de Paulo Prado, por sugestão de Oswald de Andrade – entre aquelas vanguardas estrangeiras, sobretudo a cubista e a futurista, associadas no “esprit nouveau” de Apollinaire, e a vanguarda dos rebeldes da Semana de Arte Moderna.

“HISTÓRIA E IDEOLOGIA”, DE FRANCISCO IGLÉSIAS (05/1972).

“SAUDADES DO CARNAVAL”, DE JOSÉ GUILHERME MERQUIOR (05/1973).

“H’ERA”, DE MAX MARTINS (07/1973).

A sondagem verbal está catalizada por referenciais genésicos que, tomando por base a analogia entre “carne” e “verbo”, entre “eros” e “logos”, latente à poesia de Max, estendem às coisas exteriores os signos duma representação erótica do mundo. [...]

A carência interior e exterior assumida, “aguando o sémen da linguagem”, e por isso sem poupar amor e verbo, redundando, sob o prisma do erotismo, numa “explicação órfica da Terra”, que é, conforme escreveu Mallarmé a Verlaine, “le seul devoir du poète et le jeu littéraire par excellence...”. Vem dessa origem e desse compromisso a inabstraível presença da poesia de Max Martins no conjunto da poesia brasileira atual.

“VERDE VAGOMUNDO”, DE BENEDICTO MONTEIRO (07/1973).

Se em “Verde Vagomundo” a história, como processo social e político, entramase à história como poesia e é por esta interpretada, se neste romance a ficção toma pé na realidade e a ela se volta reflexivamente para compreendê-la, deve-se isso ao estratagema da forma romanesca. Desdobrado nos múltiplos relatos individuais dos personagens, nos registros das manchetes radiofônicas, nas anotações dum diário e nas peças do inquérito militar, que se distribuem alternativamente, alimentando a narração geral, em primeira pessoa e da autoria do Major, “Verde Vagomundo” consegue manter entre os planos do real e do imaginário um regime oscilante de aproximação e distanciamento.

“A TRANSGRESSÃO DO TEXTO”, DE MÁRIO CHAMIE (09/1973).

Para concluir, há um pequeno reparo reivindicativo. O ensaísta ilustrou o discurso monológico com o “Dom Casmurro” de Machado de Assis, que estaria privado dos três níveis de interlocução – do autor em diálogo com o texto, do texto em diálogo com o leitor e do contexto em diálogo com o texto – que caracterizam o discurso dialógico. Mas se Chamie examinar à luz desses critérios as “Memórias Póstumas de Braz Cubas” – romance no qual o personagem defunto, pseudo-autor dum diálogo com o próprio texto, se dirige ao leitor dentro dum contexto parodístico – verá que Machado de Assis se antecipou, de certa maneira, à escrita dialógica de transgressão.

“MARCA REGISTRADA”, DE ARMANDO FREITAS FILHO (03/1974).

“ÁGUA VIVA”, DE CLARICE LISPECTOR (05/1974).

“POESIA E FILOSOFIA NA OBRA DE FERNANDO PESSOA” (07/1974).

Possíveis modos de ser e de compreender o mundo, os Outros que Fernando Pessoa projetou fora de si, no espaço imaginário dum diálogo – “dum teatro sem drama” ou “dum drama sem teatro”, no dizer de Álvaro de Campos –, nada mais foram, à semelhança do autor que os criou e que deles se fez ator – e nisso está a ironia trágica do desdobramento – senão o disfarce da realidade insondável e profunda, máscara sobre máscaras, modelando os indivíduos e a eles estranha. “Tudo o que é profundo gosta de mascarar-se”, reza o aforismo de Nietzsche que pode servir de intróito à poesia da metafísica em crise de Fernando Pessoa.

“CIDADE CALABOUÇO”, DE RUI MOURÃO (09/1974).

“UMA VIA DE VER AS COISAS”, DE DORA FERREIRA DA SILVA (01/1975).

Elegíaco, o primeiro poema de “Aqui” (“Vespertino”) é um lamento para a nossa época de ocaso, época que apagou a lembrança consoladora de São, e substituiu o “repentir chrétien” pela leitura dos jornais, em que Hegel viu a oração quotidiana do homem moderno: “Aqui estou, nascida no ocaso / quando as lágrimas se apagam, e os rios / Leio o jornal, mão crispada na página.” Na dicção contida desse poema, prosaica no melhor sentido – a prosa do mundo – e que sabe, como a de Carlos Drummond de Andrade, retirar aquilo que é exemplar daquilo que é comum, afluem, imagens de nossa carência, os mitos e as mistificações da época.

“A METÁFORA DO CORPO NO ROMANCE NATURALISTA”, DE SONIA BRAYNER (01/1975).

“GRANDES CONTEMPORÂNEOS”, DE MANUEL ANTUNES (03/1975).

“A METAMORFOSE DO SILÊNCIO”, DE LUIZ COSTA LIMA (03/1975).

Enquanto para Jakobson a análise literária é o instrumento capaz de concretizar os elementos todos do eixo de seleção que se projetam sobre o eixo da comunicação, e assim de explicitar o sentido implícito à forma explícita, para Costa Lima, o poema, como texto literário, mantém-se na tensão, condicionada pelos dois eixos que não se recobrem, entre o pleno das significações emergentes e o vazio submerso que o discurso integra.

“O TEMPO E OUTROS REMORSOS”, DE ALCIDES VILLAÇA (07/1975).

“O CONVIDADO”, DE MURILO RUBIÃO (11/1975).

“CONFISSÕES DE RALFO (UMA AUTOBIOGRAFIA IMAGINÁRIA)”, DE SÉRGIO SANT’ANNA (01/1976).

“O CARRO DOS MILAGRES”, DE BENEDICTO MONTEIRO (07/1976).

As sete narrativas aqui reunidas nascem da atitude explícita do relato oral, que consiste na transmissão contínua de acontecimentos singulares extraídos da experiência comum, e que é a célula matriz do gênero literário denominado “conto”. Mas aquela que mais exemplarmente condensa as possibilidades líricas, épicas e dramáticas da forma do relato oral é a do conto-título do volume, “O Carro dos Milagres” – caso ocorrido durante o Círio, a procissão que marca o início, cada ano, no segundo domingo de Outubro, da festividade de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, cujos motivos lendários, transpostos de Portugal, rebrotaram no Brasil numa manifestação coletiva de piedade popular, secularmente difundida por todo o Estado do Pará. Com a sua carga orgiástica

difusa, seus tradicionais carros alegóricos que precedem o andor da Santa (a Berlinda) – um dos quais o dos Milagres–, o Círio, ocasião de verdadeira “transumância” (assim o qualificou Eidorfe Moreira, no primeiro ensaio sociológico que se escreveu a respeito), atraindo, do interior do Estado, devotos, romeiros e pagadores de promessas transportando ex-votos.

“OBRAS EM PROSA”, DE FERNANDO PESSOA (01/1977).

“A ESTÉTICA DE LÉVI-STRAUSS”, DE JOSÉ GUILHERME MERQUIOR (03/1977).

“DISTÂNCIA”, DE LIBERTO CRUZ (07/1977).

“XADREZ DE ESTRELAS. PERCURSO TEXTUAL (1949-74)”, DE HAROLDO DE CAMPOS (07/1977).

Tentar separar a trajetória poética de Haroldo de Campos dos rumos do Concretismo seria tão absurdo como pretender estudar os rumos de André Breton independentemente da trajetória do Surrealismo. Entretanto, o poeta de “Xadrez de Estrelas” filtrou, de modo peculiar, o “realismo absoluto” (o poema existindo “espacialmente” como objeto, em sua materialidade de signo, e equivalendo ao processo de sua estruturação) e o “anti-historicismo” (tendência a valorizar o novo como medida “histórica” da invenção poética irruptiva), incorporados à teoria e à prática do Concretismo, firmadas a partir do reconhecimento da existência de uma crise do verso na modernidade e da viragem literária que representou “Un Coup de Dés” de Mallarmé para superá-la.

“A HORA DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR (11/1978).

“A HISTÓRIA DA INTELIGÊNCIA BRASILEIRA”, DE WILSON MARTINS (01/1980).

“SIGNANTIA QUASI COELUM / SIGNÂNCIA QUASE CÉU”, DE HAROLDO DE CAMPOS (01/1981).

“CANTO EM SI E OUTROS CANTOS”, DE REYNALDO VALINHO ALVAREZ (05/1981).

“VOO DE GALINHA”, DE HAROLDO MARANHÃO (01/1982).

Não há, neste livro, retratos do corpo inteiro, mas perfis: o maníaco de “Minha Senhora”, os semiloucos e párias de “Os Scaff, Pai e Filho”, a matrona edípica de “O Pai de Cassiano, a Mãe, o Cassiano”. Os gestos ou o simples movimento, como no equívoco e fatal mergulho da moça de “O Salto”, resumem o curso de uma ação implícita.

“IMPRESSÕES DE VIAGEM. CPC, VANGUARDA E DESBUNDE: 1960/70”, DE HELOÍSA BUARQUE DE HOLANDA (07/1982).

“REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS E CARTA SOBRE A FORTUNA”, DE MATIAS AIRES (09/1982).

Os estudos introdutórios de que se acha munida a presente edição crítica proporcionam-nos essa leitura renovada de uma obra que, estampando o espírito de dois períodos, estampa, antes de tudo, ao encontro do pensamento moral conflitivo de nossa época, prevenido contra os disfarces das paixões, a permanente inquietação humana.

“EM LIBERDADE”, DE SILVIANO SANTIAGO (09/1982).

Ensina-nos a história literária que Graciliano Ramos começou a narrar a sua experiência de preso político sem processo entre 1936 e 1937, somente em 1946, quase dez anos depois de finda. A morte surpreendeu-o antes de haver iniciado o capítulo final, precisamente aquele que na obra póstuma, “Memórias do Cárcere”, dada a lume em 1953, na forma em que a deixara o romancista, descreveria a volta à liberdade.

“CLARICE LISPECTOR OU O NAUFRÁGIO DA INTROSPECÇÃO” (11/1982).

Creio que a morte da autora abriu uma terceira fase de recepção à sua obra, condicionada às peculiaridades de dois livros, “A Hora da Estrela”, que precedeu de meses o passamento de Clarice Lispector em 1977, e “Um Sopro de Vida”, publicado postumamente. O primeiro não mais exibe o rótulo de “romance”, ainda conservado em “Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres” (1969), nem o de “ficção”, como em “Água Viva” (1973) – e o segundo, concluído na mesma data, traz o subtítulo de “Pulsações”. Por uma sorte de efeito retroativo, ambos permitem desvendar certas articulações da obra inteira de que fazem parte, dentro de um singular processo criador, centrado na experiência interior, na sondagem dos estados da consciência individual, que principia em “Perto do Coração Selvagem”.

“MANUEL BANDEIRA PRÉ-MODERNISTA”, DE JOAQUIM-FRANCISCO COELHO (09/1983).

“O TETRANETO DEL-REI”, DE HAROLDO MARANHÃO (01/1984).

Não bastaria portanto dizer que o Torto, identificado a Camões pela comum lesão orbital, sai das câmaras femininas de Lisboa. Ele também se evade das páginas dos “Lusíadas” e percorre, em suas andanças, sobre folhas de livros a serem escritos no futuro, inclusive “Grande Sertão: Veredas”, uma floresta bibliográfica tropical, antropofagisticamente enxertada, entre tantas referências e citações diretas ou alusivas, com versos de Mário Faustino, Camões, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa.

“DEDO-DURO”, DE JOÃO ANTÔNIO (05/1984).

“JOÃO CABRAL: FILOSOFIA E POESIA” (07/2000).

Nunca são diretas mas transversais as relações entre poesia e filosofia. Porém, se o poeta é eminentemente crítico como João Cabral, se, para ele, em contraposição a todo o êxtase, a toda a inspiração, e portanto contra o vazo para o irracional, o vago e o místico, o poema nasce de um movimento de ascese, capaz de criá-lo enquanto “trabalho de arte”; se esse mesmo crítico poeta ou poeta crítico escreve “Psicologia da Composição” (1947) – na verdade uma filosofia da composição, se não uma fenomenologia do poema –, tematizando, como permanente acompanhamento da obra, a ascese que depura pacientemente a linguagem até neutralizar nela o sujeito como Eu, para assegurar à mesma linguagem a comunicabilidade por meio da forma construída, então muito prosperam as relações transversais entre poesia e filosofia.



Foto: Elza Lima